

Por conta da dívida, mais um banco reforça suas reservas.

E anuncia que com isso terá um prejuízo de US\$ 175 milhões

Seguindo o exemplo do Citicorp, do Chase Manhattan e outros, o Banco Security Pacific Corporation — o sexto mais importante dos Estados Unidos — anunciou ontem que acrescentará US\$ 500 milhões às suas reservas para fazer face aos prejuízos que sofre com o não recebimento de parte da dívida latino-americana.

Embora a medida implique para o banco prejuízos de US\$ 175 milhões no segundo trimestre — que termina este mês —, o Security Pacific informou esperar que encerrará o ano com um superávit de US\$ 150 milhões.

Os US\$ 500 milhões, que elevam para US\$ 1,3 bilhão as reservas do banco por conta de empréstimos incobráveis, representam 28% dos US\$ 1,8 bilhão de créditos concedidos à América Latina. O maior foi o do Brasil (US\$ 605 milhões), vindo a seguir o do México (US\$ 570 milhões) e do Equador (mais de US\$ 70 milhões).

O Security Pacific é o último de uma série de bancos que aumentaram suas reservas por conta de perdas com o não-pagamento parcial de dívidas e juros. O primeiro foi o Citicorp de Nova York que em maio passado reforçou suas reservas com US\$ 3 bilhões e disse que terá prejuízos de US\$ 2,5 bilhões no segundo trimestre. Outros bancos seguiram seu exemplo, mas gigantes como a Bankamerica Corporation relutam em tomar a medida, dizendo que a consideram desnecessária, embora sua situação financeira seja precária. Já o Security Pacific destacou que não considera perdidos os empréstimos feitos à América Latina. Prometeu que continuará negociando ativamente com os devedores, a fim de solucionar seus problemas creditícios.

Dívida por ações?

Uma técnica promissora para a crise da dívida do Terceiro Mundo — a conversão dos empréstimos bancários em capital nas empresas dos países em desenvolvimento — ainda tem pela frente muitos obstáculos, dois anos depois de a fórmula ter sido encarrada como uma saída para as negociações, segundo Eric H. Berg, do N.Y. Times.

Depois dos anúncios feitos pelo Citicorp e pelo Chase Manhattan que irão procurar transformar os bilhões de dólares de empréstimos à América Latina em investimentos, constata-se que o mercado para estes empréstimos continua fraco. Especialistas dos bancos dizem que ainda está restrita às instituições financeiras a permuta da dívida de um país pela de outro, a recompra do débito pelos bancos centrais e a participação de companhias na conversão da dívida em valores mobiliários. A fórmula praticamente não inclui investidores individuais que pudessem comprar a dívida como aplicação especulativa como poderiam fazer, comprando ações de alguma companhia que enfrente problemas financeiros. "São poucos os investidores do tipo que compra para não revender", disse Kenneth L. Telljohann, importante operador de empréstimos na Salomon Brothers Inc.

Numa conversão da dívida do mundo em desenvolvimento em valores mobiliá-

rias, um banco vende seus empréstimos já feitos e concede desconto a uma companhia que busca investimento no Terceiro Mundo. A empresa liquida o empréstimo no banco central do país devedor recebendo em moeda nacional, que então investe. Estes programas de permuta já têm êxito no Chile, México e Filipinas, entre outros.

As permutas demonstram ser apenas um paliativo, representando no máximo uma redução de US\$ 5 bilhões no ano passado — numa dívida total de quase US\$ 800 bilhões no mundo em desenvolvimento. A decisão do Citicorp e, em menor grau, do Chase, de começar a converter em papéis alguns de seus empréstimos ao Terceiro Mundo, promete grandes movimentos de permuta da dívida por valores mobiliários, segundo as projeções iniciais. Agora ela é vista pela maioria dos especialistas como um exagero.

Um dos principais obstáculos, dizem os especialistas, é que em geral nos países em desenvolvimento restrições protecionistas ainda limitam em muito o quanto e onde uma companhia estrangeira poderá investir. Muitos dos maiores devedores do Terceiro Mundo, como o Brasil e o México, continuam com altíssima inflação, o que reduz o poder de compra dos lucros das multinacionais no mundo em desenvolvimento. E quando estas convertem os lucros em valores monetários, seus ganhos podem sumir ao serem repatriados.

"Estamos começando a ver o início de permutas da dívida por ações", disse Jay H. Newman, primeiro vice-presidente da Shearson Lehman Brothers. "Há bons projetos de investimento por aí, mas é preciso selecionar muito."

Mesmo a minoria que prevê uma corrida de transações do gênero diz que poderão ocorrer problemas. É significativo notar a expectativa de que só o Citicorp converterá mais de US\$ 2 bilhões em empréstimos latino-americanos durante os próximos três anos. Ainda assim, os especialistas dizem que não existem projetos lucrativos em número suficiente no mundo em desenvolvimento para absorver os US\$ 2 bilhões do Citicorp. Eis por que um certo número potencial de grandes companhias internacionais que estão à caça de oportunidades de permuta só de alto nível podem acabar tendo prejuízos.

Os bancos também podem sofrer prejuízos maiores que os previstos. Na medida em que começam a descarregar seus empréstimos, o mercado secundário de empréstimos bancários nos países do Terceiro Mundo se amplia. Eram US\$ 8 bilhões no ano passado e ultrapassarão os US\$ 10 bilhões este ano, segundo a Salomon Brothers. Mas, para absorver os recursos adicionais que chegam ao mercado enquanto os bancos fazem seus empréstimos, o universo de compradores precisa expandir-se ou o valor dos empréstimos cairá verticalmente. Todavia, até agora o mercado ainda não incluiu investidores individuais a longo prazo.

"Uma razão para isso", segundo Telljohann, "é que em sua maioria os empréstimos bancários não foram padronizados de modo a permitir que investidores individuais possam saber o que estão ganhando — e, mesmo que os empréstimos bancários sejam padronizados, muitos acordos do gênero exigem a autorização do país devedor para serem transformados em ações negociáveis."

Outro problema é o pequeno rendimento de empréstimos bancários ao Terceiro Mundo, devido à sua baixa qualidade. Com seus 10% de desconto, por exemplo, os empréstimos bancários ao México ainda rendem 15%. Os empréstimos da Venezuela rendem pouco mais de 11%. As ações de alto rendimento nos Estados Unidos são consideradas mais confiáveis, dão lucro em torno de 12%.